

## RESENHA

### **POLÍTICA E ANTIPOLÍTICA: A CRISE DO GOVERNO BOLSONARO** (Avritzer, Leonardo. *Política e Antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. Coleção 2020. Editora Todavia, 2020)

José Mauro de Pontes Pompeu<sup>1</sup>

Leonardo Avritzer, professor titular do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, têm se dedicado a compreender a consolidação e a manutenção da democracia brasileira e nos fornecido uma vasta produção de estudos acerca da representação política e da participação social, da judicialização da política e do papel do Judiciário, e sobretudo, ao abordar o tema da corrupção no Brasil, têm preenchido algumas lacunas até então obliteradas por uma série de “juízos negativos” e “predições catastróficas” sobre as instituições políticas e culturais brasileira.

Em *Política e Antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*, lançado em julho de 2020 pela Editora Todavia, Avritzer apresenta ao leitor um texto sucinto, que busca reter certos fatos essenciais para que possamos compreender o modo de fazer política do governo Bolsonaro e, principalmente, o futuro ou as saídas do Bolsonarismo diante da miríade de crises gestadas pelo próprio governo, não obstante a maior crise sanitária do século, a pandemia do coronavírus.

O livro traz não apenas uma alusão ao teatro com seus cinco capítulos denominados de Atos, mas, certamente, que sua estrutura análoga à uma peça teatral indica tanto o encadeamento dos fatos, das personagens, das falas, ideias e cenas, como também exprime o caráter trágico e lutuoso pela qual enfrenta a sociedade brasileira, o grande público a assistir o teatro de horrores - que neste exato momento ultrapassou 50.000 mortos.

Cabe salientar que *Política e Antipolítica* segue os mesmos trilhos de *Impasses da Democracia no Brasil* (2016) e *O Pêndulo da Democracia* (2019), em que Avritzer buscou empreender uma análise de conjuntura de tempo breve, analisando o presente como forma de iluminar certos fatos relevantes e que por sua vez passam despercebidos diante do turbilhão de acontecimentos vivenciados nos últimos anos. Outra característica que salta suas análises de conjuntura imediata é que elas atuam de certo modo, especialmente para o grande público, como fórmula pedagógica de temas, conceitos e teorias aparentemente complexos da Ciência Política.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ), com bolsa PNPd/CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1845-1198>. E-mail: [rodolfo.dias@gmail.com](mailto:rodolfo.dias@gmail.com).

Desse modo, podemos apreender um tipo de interpretação e proposição que é o próprio *pensamento político* do autor, cuja defesa intransigente da democracia através dos pressupostos constitucionais erigidos a partir de 1988 emerge como vetor de seu pensamento, e atravessa toda sua obra e formas de interpretar o Brasil do tempo presente.

*Política e Antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*, com sua metáfora nada velada da estrutura dramática teatral, e permeada de elementos trágicos, já em sua introdução nos apresentam as personagens, as cenas, as ideias que motivam o enredo da crise e do espetáculo macabro que se tornou a pandemia no Brasil.

Os atos I e II, intitulados de *Coronavírus, sistema de saúde e crise política* e *A antipolítica na crise: Da Lava Jato à disputa entre Bolsonaro e Moro*, abordam dois episódios independentes que se entrelaçam na crise gestada pelo próprio governo. O primeiro ato, onde se localiza a cena, ou seja, o cenário da pandemia, cuja tragicidade da situação produziu um novo protagonista, Luiz Henrique Mandetta, decreta ao capitão o papel de antagonista da trama nacional. O segundo ato traz à tona a agenda de pesquisa e uma análise de observação temporal acerca do modo de fazer política dos antipolíticos herdeiros da Operação Lava-Jato.

O ato III, *Militares, Bolsonarismo e Crise Política*, aborda de maneira ensaística a doutrina da intervenção militar e alerta para a porta que o artigo 142 da Constituição mantém aberta para um tipo de saída *cesarista*. O capítulo também trata da conflituosa relação e associação entre o militarismo e bolsonarismo, que põe em xeque os mitos militaristas do pós ditadura - eficiência, legitimidade da repressão política e ausência de corrupção.

Por fim, os atos IV e V, intitulados *A Reconstrução de um Centro Democrático?* e *Equilíbrio Catastrófico: A Formação do Pós Bolsonarismo*, Avritzer busca responder suas próprias reflexões e análises crítica dos fatos recapitulados. Para tanto, mobiliza como método de investigação uma combinação de análise do discurso e de dados estatísticos descritivos, para, através de um esforço projetivo, imaginar saídas possíveis para a crise e para o futuro do Bolsonarismo. No entanto, as inferências e projeções do professor não são conclusivas. Pelo contrário, seus alertas de como o punitivismo judiciário e a concepção moral da política é criador e criatura da antipolítica nos impõe um desafio muito maior, especialmente no que diz respeito aos canais de inclusão social para efetivação de uma democracia participativa.

### **Política e antipolítica: a surpresa Bolsonaro e os políticos da antipolítica**

Logo na introdução de seu mais recente livro *Política e Antipolítica: a crise do governo Bolsonaro* (2020) o professor Leonardo Avritzer (UFMG) apresenta uma breve retrospectiva do legislador ou do ator político que foi Jair Messias Bolsonaro no Congresso Nacional. Bolsonaro é apresentado como um mero coadjuvante, sem centralidade no jogo político e até mesmo irrelevante para figurar nos grandes esquemas e/ou planilhas de pagamento da Odebrecht. Seus "15 minutos de fama" até então, frutos de ataques às esquerdas, com destaque ao caso da ex-

ministra Maria do Rosário<sup>2</sup> (PT), demarcavam-lhe um lugar marginal e, se não lhe delineava um tipo de figura política vulgar, desenhava-o como uma espécie de elemento político exótico, cuja única proposta legislativa em seus 28 anos de carreira política resumiu-se à defesa da “pílula do câncer”. Com essa breve retrospectiva, Avritzer busca compreender os momentos que levou essa figura “de político marginal ao centro da política”.

O autor atenta para dois momentos considerados chaves para o desdobramento do processo que nos levou a atual crise. O primeiro, e talvez o mais importante, foi o momento da votação em plenário do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, onde o então deputado federal Jair Bolsonaro evocou a “memória do coronel Carlos Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff” ao declarar o seu voto positivo para cassação do mandato da presidenta petista. Para Avritzer, a dimensão do evento e da (in)consequente fala do deputado o habilitou a líder da direita brasileira. O segundo momento, não menos relevante, diz respeito ao atentado em Juiz de Fora, Minas Gerais, em setembro de 2018, no início da campanha eleitoral. A fachada sofrida por Bolsonaro não apenas impulsionou positivamente os seus números na corrida eleitoral, como ressaltado por Avritzer, mas também lhe tiraram o foco dos debates sobre políticas públicas. Portanto, na esteira do discurso ético-moral da política e da crise das práticas democráticas, ademais engendradas pela Operação Lava-Jato em 2014, que Avritzer observa a ascensão do bolsonarismo.

Ao evidenciar sua agenda de pesquisa, a *antipolítica como política*, Avritzer alerta que Bolsonaro “chegou à presidência não como líder político, mas como alguém disposto a destruir políticas e políticos” (p. 05). Este *modus antipolítico*, para o professor, é expresso e reiterado cotidianamente no desmonte dos Ministérios da Educação, do Meio-Ambiente e dos Direitos Humanos<sup>3</sup>, e, sobretudo, pelo descaso com a vida e com a alteridade em meio a pandemia do coronavírus.

Mas, como compreender a crise de um governo que se sustenta pela antipolítica, ou seja, catalisando crises? Como um governo que rechaça a política, os políticos e o Estado é capaz de garantir um futuro seguro para os brasileiros diante de uma pandemia, momento em que todos precisam da política, dos políticos e do Estado? Ou, nas palavras do autor, “qual o futuro do Bolsonarismo, se é que ele tem algum?”

Para responder a tais questões de calor do momento, o professor se aventura numa análise de conjuntura em que busca selecionar os fatos relevantes que por sua vez ainda se encontram em trânsito. A realidade, que se mantém em aberto, é apreendida por Avritzer não como forma de consolidar os juízos negativos que o próprio governo Bolsonaro cultiva e que a família Bolsonaro busca incansavelmente omitir ou obliterar, seja no caso das “rachadinhas” ou no envolvimento com as milícias do Rio de Janeiro. Certamente que as análises de conjuntura do tempo presente omitem ou supervalorizam certos fatos que nem sempre se apresentaram relevantes para a compreensão histórica, podendo ser apenas mais um levedo no bolo crescido

---

<sup>2</sup> Ministra da Secretaria Especial dos Direitos Humanos do governo Dilma Rousseff (2011-2014).

<sup>3</sup> Acrescentaria à este desmonte o fator, talvez, primário para a manutenção e crise do bolsonarismo que é o “não ministério” ou a Secretaria da Cultura.

deste tipo de política que é recheado diariamente de absurdos. De todo modo, as apreensões e análises do professor configuram um empreendimento ousado, mas de grande importância, pois nos ajuda a refletir e iluminar o tempo sombrio vivido por nós.

A análise de Avritzer trata-se antes de uma análise institucionalista, em que os mecanismos de *check and balances* próprios da relação entre os Poderes Constituídos prevalecem e são de sobremodo enaltecidos pela observância da Constituição de 1988, visto pelo autor como uma espécie de marco civilizatório brasileiro<sup>4</sup>.

Como a obra segue uma estrutura análoga às peças teatrais, divididas em cinco atos, que mesmo independentes são entrelaçados por uma única trama, no caso do livro, as crises sequenciais e progressivas do governo, buscaremos resumir o livro do professor Avritzer de forma a alinhar os eventos de acordo com a crise sequencial vivida pelo governo Bolsonaro.

### **O Colapso da Constituição de 1988, a Antipolítica e um possível centro-democrático**

Para Avritzer existe um marco temporal disruptivo na democracia brasileira que foi a Operação Lava-Jato iniciada em 2014, e cujos próprios desdobramentos semearam diversas práticas antidemocráticas e anti-republicanas. Com a Lava-Jato e, por conseguinte, a apreensão político-moral da noção de corrupção, instaurou-se no Brasil uma nova concepção de política em que, uma vez acabado a corrupção, o bom governo ocorreria automaticamente. No entanto, a crise que engendrou o bolsonarismo torna-se, ao longo do livro, a mesma crise capaz de apresentar elementos para a recuperação das práticas democráticas.

No entanto, se a chave-cognitiva para compreender a estratégia do governo Bolsonaro é a chave da antipolítica, por sua vez é esta mesma *práxis antipolítica* que pressupõe e catalisa a crise do governo, uma vez que esta disposição autômata esmorece diante dos sistemas de freios e contrapesos constitucionais próprios do fazer Política (com P maiúsculo).

Avritzer emoldura dois momentos chaves para se compreender a(s) crise(s) do governo Bolsonaro. O primeiro momento diz respeito a demissão de Luiz Henrique Mandetta (DEM), então Ministro da Saúde, que põe em xeque o *modus antipolítico* de se fazer política em meio a pandemia do coronavírus. Para o autor, a própria figura do ex-ministro de Bolsonaro simbolizava o enfraquecimento do bolsonarismo. Sob um crescente aumento de popularidade, 76% segundo o Datafolha (04/2020), projetou-se em Mandetta a imagem de homem de Estado que o governo, de militantes e militarizado, jamais conseguiu empreender. Com o protagonismo para si, Mandetta incorporou a o papel de arauto da Ciência e emissário da boa temperança. Desse modo, Avritzer ressalta que Mandetta não apenas emerge como um articulador e mediador pró coalizão

---

<sup>4</sup> Considera-se a Constituição de 1988 um marco civilizatório devido ao seu caráter instituinte de três pressupostos, que segundo Avritzer são: 1) a superação do autoritarismo via um sistema amplo e democrático de participação, organização partidária e eleições; 2) ampliação dos direitos políticos e sociais; 3) aceitação de uma estrutura ampla de divisão de poderes, com protagonismo do judiciário. Para o autor, princípios básicos da civilização e inserção do Brasil, país com inserção marginal na História, na Modernidade.

política e pela ciência, mas como uma espécie de indicador de saída da crise política e moral instaurada em Brasília. Ou seja, uma saída pelo centro, cuja fortuna dependerá da virtude do partido Democratas.

Este primeiro grande abalo do bolsonarismo, que poder-se-ia chamar de “efeito Mandetta”, é recapitulado por Avritzer através dos três problemas que o governo Bolsonaro enfrenta diante a crise da pandemia. Ou seja, com a popularidade de Mandetta há uma reabilitação da ciência no plano da opinião pública, seguido de um enfraquecimento da clivagem forçada entre corruptos e não-corruptos e a perda de popularidade entre as classes médias do sul e sudeste. Os subsequentes discursos de ódio, anti-vida e anti-ciência do capitão criou um cisma entre as forças que até então lhe davam sustento. Os conflitos com a classe médica, personificada na figura de Mandetta, reforçou a opinião positiva do público a respeito do atual ex-ministro. O surgimento de uma Nova Aliança de centro democrático já vem produzindo efeitos no Congresso Nacional, uma vez que isola o Presidente e busca reabilitar a política criando obstáculos à tanatopolítica bolsonarista.

Outro fator que pôs em xeque a força do bolsonarismo foi a demissão do ex-juiz e ex-ministro da justiça Sérgio Moro. Com a demissão de Moro caiu por terra a relação então existente entre bolsonarismo e ética. A este respeito, Avritzer atenta para a função simbólica exercida pelo ex-juiz da Lava-Jato na figura de Ministro da Justiça do governo que se propôs novo, ou nas palavras do autor, “expressão de mudanças muito profundas na política e na organização do poder na sociedade brasileira” (p. 10). Afinal, a pessoalização ou personificação do poder é uma das saídas buscadas por Bolsonaro como forma de consolidar seu tipo específico de dominação, que é antipolítica e automática, populista e autoritária, e como bem lembrado por Avritzer, cercado por uma constelação de generais, o que acena para uma possível saída ou desfecho cesarista<sup>5</sup>.

No entanto, para Avritzer, a associação entre o militarismo e o bolsonarismo implicam algumas variáveis intervenientes que complexifica o futuro não só do Bolsonaro e de sua família e do bolsonarismo, mas da sociedade como um todo. Se por um lado há um revivescência da doutrina da intervenção militar na política, e uma porta entreaberta garantida pelo artigo 142 da Constituição, por outro lado, cada escândalo, acusações e evidências de crimes cometidos pela família Bolsonaro acaba por aviltar a corporação que ainda detém um grande prestígio e confiança da população. Os custos desta associação põe em xeque o mito militarista da não corrupção, assim como o combate a pandemia nas mãos militarizadas põe em risco o mito de corporação eficaz.

Como já fora abordado, Avritzer sugere duas saídas para a atual crise, uma pela *via do centro democrático*, outra pela *via cesarista*. Não obstante, ambas saídas impõem em alguma medida um *equilíbrio catastrófico*, uma vez que o aumento da rejeição do governo pelas classes médias não refletiu quantitativamente em quedas percentuais em sua base apoio. O bolsonarismo

---

<sup>5</sup> Neste sentido, o autor propõe duas leituras do cesarismo. Uma leitura gramsciana, em que o cesarismo se apresenta como “uma situação de equilíbrio político catastrófico”, e uma leitura weberiana, cujo cesarismo atuaria em situações de conflito entre uma democracia plebiscitária e burocracias técnicas (p. 09).

ainda mantém seus supostos 30% de fiéis, clivando a política pela estratégia, tática e operação da antipolítica.

Todavia podemos afirmar que mesmo em crise a força do bolsonarismo e de seus grupos, marcados pelo conservadorismo moral e ideológico, catalisados pelo “olavismo”, e sustentados pelas redes neopentecostais, farão ressoar não apenas nas futuras eleições, mas no modo de se fazer política no Brasil. Afinal, esta parcela do eleitorado certamente será alvo de disputas para a composição de futuras coalizões partidárias.

Por fim, Avritzer não sabe apontar um desfecho para o colapso político e sanitário vivido pelo governo Bolsonaro. Ao mesmo tempo, acredita ser improvável um desfecho radical - do tipo *cesarista*. Não obstante, soube ele bem qualificar o modus antipolítico pela qual se expressa a política da família Bolsonaro, que é o de agredir os adversários e de intimidar as instituições democráticas.

## Referências

AVRITZER, Leonardo. (2020) *Política e antipolítica: A crise do governo Bolsonaro*. (Coleção 2020. Editora Todavia).

\_\_\_\_\_. (2016) *Impasses da Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\_\_\_\_\_. (2019) *O Pêndulo da Democracia*. (Coleção 2019. Editora Todavia).